

RESUMO - GT2: GÊNERO, SEXUALIDADE E EROSÃO DEMOCRÁTICA NA
CONTEMPORANEIDADE: EFEITOS, ATORES E RESISTÊNCIAS

**HÁ ESPAÇO PARA RESISTÊNCIA? OFENSIVAS ANTIGÊNERO, QUEDA DA
DEMOCRACIA E O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO CRÍTICA**

Laura Victória Rodrigues Da Silva (victorialaura071@gmail.com)

Alberth Alexsander Da Silva Pereira (alberth.pereira@ufpe.br)

Este trabalho busca compreender como as ofensivas antigênero se articulam à ascensão da extrema-direita e à fragilização da democracia no Brasil contemporâneo. Trata-se de um estudo qualitativo, consistindo em uma revisão bibliográfica, cuja análise parte de um conjunto de autoras e autores que oferecem ferramentas conceituais para compreender a disputa político-cultural e seus efeitos sobre a educação, especialmente Judith Butler (2024), Felipe Nunes e Thomas Traumann (2023), Berenice Bento (2006), bell hooks (2013) e Paulo Freire (1996). Partindo de Butler (2024), entende-se que a retórica reacionária sobre gênero opera como tecnologia política voltada à fabricação de pânico moral e à legitimação de hierarquias tradicionais. O gênero é construído como ameaça difusa, o que permite à extrema-direita consolidar discursos autoritários sob a aparência de defesa da família ou da ordem. Nunes e Traumann (2023) explicitam como a polarização afetiva e a “calcificação” das identidades políticas intensificam essas disputas. A radicalização moral e o pertencimento identitário tornam esses discursos de controle de gênero um marcador de coesão para grupos extremistas, contribuindo para sua força mobilizadora, especialmente nos ataques à escola e às políticas educacionais. Bento (2006) é mobilizada a fim de aprofundar a

dimensão material dessas ofensivas ao demonstrar que elas integram um regime cisheteronormativo que administra vidas e restringe acessos à dignidade. A disputa em torno do gênero é, portanto, uma disputa sobre quais corpos podem existir plenamente na esfera pública. Finalmente, hooks (2013) e Freire (1996) ajudam a situar a educação como espaço-chave dessa disputa e como instrumento de formação democrática. hooks (2013) enfatiza a educação como prática de liberdade e de produção de sujeitos críticos, enquanto Freire (1996) mostra que todo processo formativo é político e, por isso, alvo de tentativas de controle por forças autoritárias. A escola torna-se, assim, um território estratégico: não apenas um alvo de ataques, mas também um espaço onde é possível promover debates, fortalecer a cidadania e formar indivíduos capazes de resistir às narrativas conservadoras e às ofensivas contra a pauta de gênero. Conclui-se que a articulação entre essas estratégias de controle de gênero, polarização identitária e disputa cultural constitui um dos eixos centrais do desgaste da democracia. Fortalecer práticas educativas plurais e políticas culturais inclusivas é fundamental para a recomposição democrática e para a afirmação da dignidade de corpos e vidas historicamente vulnerabilizadas.

Palavras-chave: gênero; democracia; educação.